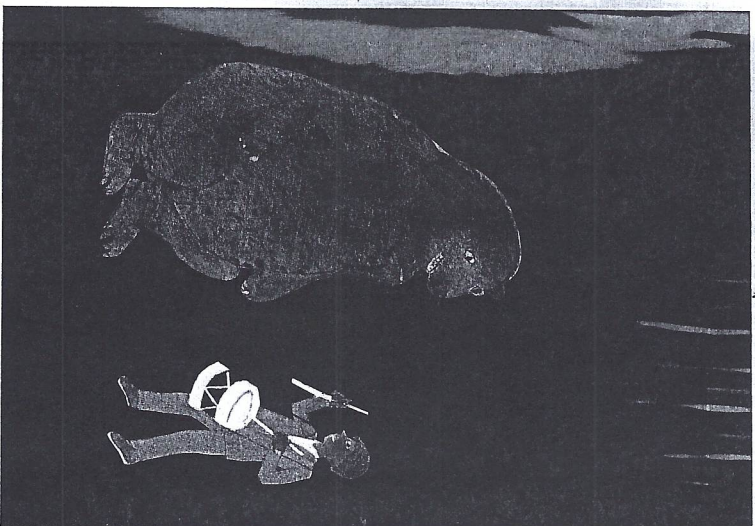


ILSE LOSA

# A ADIVINHA

— PEÇA EM QUATRO QUADROS —



ILUSTRAÇÕES DE JÚLIO RESENDE

2ª edição



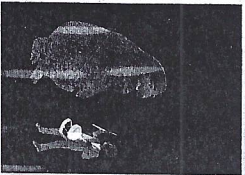
EDIÇÕES AFRONTAMENTO

A ADIVINHA

ILSE LOSA/JÚLIO RESENDE



9789727063825



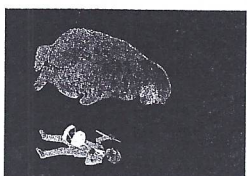
Collecção Tietas & Letras/25

82-42  
LOS DS

**ISF IOSA**

# A ADIVINHA

— Peça em Quatro Quartos —



*Ilustrações de Júlio Resende*

2ª edição



EDIÇÕES AFRONTAMENTO

*À Maya, ao João e ao Sich*

Autora: Ilse Losa

Ilustrador: Júlio Resende

Título: A Adivinha

© 1994, Ilse Losa, Júlio Resende e Edições Afrontamento

Edição: Edições Afrontamento/Rua Costa Cabral, 859/Porto

Colecção: Trezas e Letras/25

Nº de Edição: 483

ISBN: 972-36-0324-1

Depósito Legal: 75168/94

Impressão/Acabamento: Rainho & Neves, Lda./Santa Maria da Feira

*Texto baseado num velho conto popular.*

*Esta história passou-se num país qualquer e em qualquer ano, talvez neste em que estamos, no ano passado, ou ainda antes. De resto, pouco importa. As personagens que nela entram podiam existir em toda a parte do mundo e em todos os tempos, passados, presentes e futuros.*



## Quadro I

### NA ALFAIATARIA

A história começa na loja do mestre Abílio, que serve ao mesmo tempo de oficina e de sala de família. Há um espelho alto, já rachado, e uma velha máquina de costura. Em cima de uma mesa comprida, rodeados de trapos e farrapos, tesouras, linhas, vara e giz, estão Paulino e Ernesto, os filhos, de pernas cruzadas e a costurar. O pai, sentado numa cadeira, muito chegado à mesa, procura receber o mais luz possível do candeeiro, para poder ler o jornal. Num dos lados da sala há um fogareiro com um panelão em cima, um alquidat, uma bilha e uma tábua de passar a ferro. A mãe está a passar umas calças de homem. De vez em quando pousa o ferro, para ir remexer no panelão com uma colher de pau. É hora de jantar.

O Pai: Um pobre homem larga o trabalho no fim do dia para ler o jornal e tem de aguentar sempre com as mesmas notícias: o choque duma furgoneta com um automóvel — não se passa um dia em que não choque uma furgoneta com um automóvel — as batatas subiram, o pão e a carne também, a chuva deu cabo das vinhas e da hortalça, e os sábios ainda não sabem se há ou não há gente nos outros planetas.

A Mãe: Ó Abílio, e se houver gente nos outros planetas, achas que levam também uma vida igual à nossa? Que moram em casas como esta? E cozinham, lavam a roupa e dão a ferro?

Ernestino: Lá está a mãe! Só pensa em cozinhar, lavar, passar a ferro!

A Mãe: É tudo quanto eu sei. E não posso pensar senão naquilo que sei.

Ernestino: De acordo. Mas a mãe não compreende que há coisas mais importantes, tanto aqui na terra como nos outros planetas?

O Pai: Deixa lá a tua mãe. Nunca leu nenhum livro, nem nunca saiu desta aldeia.

A Mãe: Nem sequer no dia do meu casamento.

Paulino: Eu, se me casar, hei-de levar a minha mulher para uma linda viagem.

O Pai: Estou cheio de fome.

Ernestino: Também eu.

O Pai: Parem com o trabalho e limpem a mesa.

(Ernestino e Paulino saltam da mesa e arrumam as coisas de costura).

O Pai: O vosso irmão está a demorar. É sempre o mesmo, quando o mando entregar uma obra.

A Mãe: A culpa deve ser do freguês. É capaz de não o deixar vir embora.

O Pai: Por que carga de água não havia o freguês de o deixar vir embora?

A Mãe: Talvez lhe esteja a fazer alguma queixa.

O Pai: O freguês? Fazer uma queixa? Mas de quê?

A Mãe: Da obra, por exemplo.

O Pai: Da obra?! Essa é boa. Se há quem se possa queixar, somos nós. Só nos encarregam de virar e remendar fatos e sobretudo velhos. Já lá vai o tempo em que me vinham parar às mãos umas fazendas bonitas para talhar uma fátiota nova.

Paulino (para o pai): A nossa freguesia é pobre e não pode comprar fazendas bonitas. No fim de contas não passamos de uns reles alfaiates-remendões.

A Mãe (zangada): Paulino, como te atreves a falar assim ao teu pai? A ele, que aprendeu o ofício na melhor alfaiataria do seu tempo?

Paulino: Bem sei, bem sei, a mãe já disse isso mais de mil vezes. Mas que quer? O pai agora é alfaiate-remendão. Nem sequer sabe das últimas modas. Nas cidades, compram-se os fatos já feitos em lojas formidáveis, com grandes montas iluminadas.

O Pai (aponta para o candeeiro): Com aquele pirilampo até custa enfiar uma linha e distinguir as letras do jornal. Mas lá, as montas iluminadas são brincadeiras para deitar poeira aos olhos do freguês. O que conta para um alfaiate é o corte. E no corte ainda ninguém me bate, é o que vos digo. Ora, ora!

A Mãe: Toda a gente sabe que és um grande alfaiate, Abílio.

O Pai: Sei lá se toda a gente sabe, Miquelina! Se nem os meus próprios filhos estão convencidos disso! Os tempos mudaram. Quem tiver dinheiro compra os fatos e os sobretudo já feitos nas grandes oficinas.

Artistas como nós, que sabemos do nosso ofício, a esses já ninguém os estima. É assim, Miquelina, é assim. E tinha eu sonhado passar os dias da nossa velhice sem ralações, em paz e sossego, com uns livros que contam histórias de viagens e aventuras. Mas com que dinheiro hei-de comprar esses livros e quando é que terei tempo para os ler?

Ernestino: Não atamos nem desatamos.

Paulino: Não passamos da cepa torta.

A Mãe (para o pai): Às vezes penso que os rapazes deviam procurar outro modo de vida.

O Pai: Mas que outro modo de vida, mulher? Cavar o nosso quintal, de terra dura e cheia de calhaus? Ir ao mar se...

(Neste momento entra Brás, o filho mais novo. É pequeno e franzino).

Brás: Se o alfaiate não foi talhado para o mar. Não era isto, pai?

O Pai: Ainda não sou tão velho que não saiba acabar aquilo que estou a dizer, ouviste, fedelho? E porque demoraste tanto?

Brás: Quando vinha de casa do freguês, a rapaziada estava a jogar o

futebol no campo da Mata. De repente o guarda-redes dos «riscas azuis», ao dar um salto para apanhar a bola, caiu redondo e torceu um pé. Chamaram-me a mim para o lugar dele.

Ernestino (rindo): A ti? Onde arranjaste força e jeito para agarrar na bola?

Brás: Enchi-me de genica. Dei um salto de quase um metro de altura para agarrar na bola, e agarrei-a, sim senhor, foi uma maravilha. Mas depois caiu-me dos braços, por mais força que eu fizesse para a segurar. E os «riscas vermelhas» lançaram-se logo a ela, já se vê.

Paulino: E os «riscas azuis» correram contigo, claro!

Brás: O alfaiate não foi talhado para a bola! (Começaram a gozar).

A Mãe: Não te arrelies, filho. Tenho a certeza de que nenhum deles é capaz de contar histórias tão engraçadas como tu. Anda daí, vai pôr a mesa.

(Brás começa a pôr os pratos, os talheres, os copos, a broa e uma caneca de vinho. Ernestino e Paulino lavam as mãos no alquidar).

O Pai (observando a mãe, que está a remexer com a colher de pau no panelão): Aí! Quem me dera um bom pedaço de lombo assado.

A Mãe: Era melhor não cismares sempre nisso, Abílio. Que adianta? (Prova a sopa). Olha que a sopa está bem boa.

O Pai: Lá estás tu com o teu paleio: olha que a sopa está bem boa. Mas o que é que tem a ver a tua sopa bem boa com o lombo assado?



(A Mãe tira a sopa e a família senta-se à volta da mesa).

Brás: Estava uma tarde bonita hoje. Havia barcos à vela no mar e gente a tomar banho.

A Mãe: Quando fui ao rio lavar a roupa, a água corria morna, quase quente. Dava gosto. No Inverno é um castigo, fica-se com as mãos enregeladas, o vento corta a cara e nem sequer apetece falar. Mas hoje toda a gente estava divertida.

O Pai: Aposto que passaram o tempo a cortar na casaca das pessoas que não estavam lá.

A Mãe: Todo o tempo, não. Também cantámos.

Brás: A duas vozes?

A Mãe: Sim, a duas vozes...

Ernestino (interrompe a conversa): Pai, está-me a parecer que vou abalar daqui.

Paulino: Também eu.

O Pai: Para onde, rapazes?

Ernestino: Para onde não for preciso sermos alfaiates-remendões.

Brás: Pois eu gosto mais de ficar. Não conheço ninguém lá fora, e aqui conheço toda a gente.

Paulino: Mas alguém falou em tu ires também?

A Mãe (passando a mão pela cabeça de Brás): Era o que faltava, levarem-me o Brás daqui para fora.

O Pai: Não sei se lucram alguma coisa em abalar.

Ernestino: Quem não arrisca não petisca, pai.

Paulino: Não podemos continuar para sempre nesta aldeia.

(Durante uns momentos, comem em silêncio. A mãe suspira alto).

Ernestino: Podíamos ir para a Cidade-Das-Sete-Torres-Douradas. É uma cidade grande e dizem que é bonita. Lá deve haver lugar para rapazes como nós.

Brás: Lugar, com certeza não falta. Se há prédios com mais de vinte andares!

A Mãe: Enal! Vinte andares! Só pensar em subir tanta escada.

Paulino: A gente sobe de elevador, mãe. Não custa nada.

Ernestino: Há cidades com prédios de mais de cinquenta andares. Chamam-se arranha-céus.

Brás: Coitado do céu naquelas bandas, fica cheio de arranhões.

(A mãe levanta-se da mesa e começa a arrumá-la. O pai volta a ler o jornal. Brás ajuda a mãe a lavar a louça. Ernestino e Paulino tornam a colocar os objectos de trabalho sobre a mesa. De repente, o pai dá uma gargalhada).



O Pai: Hoje não é o primeiro de Abril, pois não?

Ernestino: Estamos em Agosto, pai. Bem se percebe pelo calor.

(Abre o colarinho e abana-se).

O Pai: Pois claro, pois claro, foi uma pergunta tola. Se o próprio jornal traz a data. Mas neste caso isto aqui não é uma partida, é mesmo a sério. Oçam (a mãe e os filhos agrupam-se em volta do pai, que começa a ler em voz alta): «Lu Petrolina, filha do venerrado e muito respeitado Conde de Petrolina, que governa a Cidade-Das-Sete-Torres-Douradas, dá conhecimento a quem isso possa interessar de que no último dia deste mês, em que fará dezoito anos, receberá na sua residência, na Rotunda dos Castanheiros, todos os rapazes, ricos ou pobres, altos ou baixos, gordos ou magros, que queiram tomar parte num jogo de adivinha, muito original, nunca jogado até à data. Aquele que resolver a adivinha que Lu Petrolina vai propor casará com ela ainda neste Verão». Que dizeis a isto, hem?

A Mãe (voltando à sua lida): Digo que as meninas das grandes cidades não têm juízo na cabeça. E têm dinheiro a mais para gastar em anúncios de jornal.

Ernestino: Há raparigas com ideias levadas da breca.

Paulino: Talvez essa Lu Petrolina esteja à procura dum rapaz muito inteligente, e a adivinha é para tirar a prova.

Ernestino: Deve tratar-se de uma adivinha difícil.

Paulino: Uma espécie de exame.

Ernestino: Que seja. Mesmo assim eu era capaz de me habilitar.

Paulino: E eu também.

Brás: E sois assim tão inteligentes para resolver uma adivinha difícil?

Ernestino: Fomos bons alunos na escola.

Paulino: Quase nunca errávamos nos problemas.

A Mãe: Lá isso é verdade, rapazes.

O Pai: A escola já lá vai, e uma adivinha não é um problema de aritmética. Mas deixemo-nos disto. O que conta agora é a Cidade-Das-Sete-Torres-Douradas. Não acham que fica longe?

Ernestino: Fica longe, fica. Mas não era esse mesmo o nosso desejo, abalar para a Cidade-Das-Sete-Torres-Douradas? A menina Lu Petrolina oferece-nos uma boa ocasião.

Brás: Uma boa ocasião? Mas no anúncio não se diz que é ela quem paga a viagem.

Paulino: Como queres que ela pague a viagem a todos os rapazes que se queiram habilitar? Mas nem por isso deixa de ser uma boa ocasião.

Ernestino: Talvez se arranje uma boleia.

O Pai: Não penses nisso, meu filho. Ninguém dá boleia a rapazes como vós.

Paulino: Temos boas pernas, vamos a pé.

A Mãe: Para estafarem os sapatos? E quem vos dá dinheiro para comprar outros sapatos?

Brás: Se um deles conseguir resolver a adivinha, casará com a menina Lu Petrolina e então o outro fica a ser cunhado dela. Logo arranjam ambos dinheiro para comprar sapatos novos.

Brás (pensativo): Vistas bem as coisas, já resolvi muitas das adivinhas que vêm no Almanaque do Natal! E nunca as achei difíceis. Basta a gente pensar um bocado e descobrir onde está a manha. Todas as adivinhas têm uma manha. E porque não hei-de habilitar-me também à da menina Lu Petrolina?

Ernestino: Tu, meu dez réis de gente? Queria ver como te aguentavas num passeio desses. Olha que se não se arranjar boleia são três dias a pé.

Brás: Nunca me meteu medo um passeio a pé. Levo o meu tambor, que ajuda a marchar. Já subi um monte mais alto do que o de São Lourenço e desci-o logo outra vez.

Paulino: E porque é que o desceste logo outra vez? Não era bonito lá em cima?

Brás: Talvez fosse, nem dei conta. É que desatou a chover a cântaros e não tinha onde me abrigar.

Paulino: Deixa-te de maluquices, pequeno. Ficas cá e ficas muito bem, ouviste? Para ajudar o pai e a mãe.

O Pai: Se o Brás quiser ir, tem o mesmo direito que vós. É mais frânzino, não há dúvida, mas os homens não se medem aos palmos.

A Mãe (para o pai): E nós? Ficamos aqui sozinhos?

Brás: Não te aflijas mãe, logo que tivermos resolvido a vida vão ambos ter conosco. Havemos de alugar um andar num prédio com elevador e uma sala com um grande candeeiro e um cadeirão de couro para o pai, e um fogão eléctrico para a mãe.

O Pai: Um candeeiro com uma data de lâmpadas.

Brás: Para poder ler todos os livros de aventuras e de viagens.

O Pai: Isso mesmo, Brás, de aventuras e de viagens.

Brás (desembaraçado, para os irmãos): Vamos fazer a trouxa.

## Quadro II

### NA ESTRADA, A CAMINHO DA CIDADE-DAS-SETE-TORRES-DOURADAS



á dia e meio que os três irmãos vão a caminho da Cidade-Das-Sete-Torres-Douradas. Brás traz o seu tambor e toca um ritmo de marcha. Mas o calor aperta e a árvore de copa feita convida-os a um descanso. Tiram a trouxa das costas e sentam-se.

Ernestino: Uff! Que estafadela. O pai tinha razão: ninguém nos dá boleia.

Paulino (tirando os sapatos): Tenho os pés em brasa. E uma sede danada. Não haverá por aqui um poço, ou uma nascente?

(Brás tira da saca um caderno e começa a escrever).

Ernestino: Ainda falta dia e meio para chegarmos à Cidade-Das-Sete-Torres-Douradas. A broa está quase no fim, do vinho já nem sombra duma pinguinha.

Paulino: Oxalá a gente não venha a arrender-se desta aventura em que nos metemos.



(Brás continua tranquilamente a escrever).

Ernestino: Lá está ele a tomar notas no caderno. Chama-lhe «diário». Não sei onde arranja tanto assunto para contar.

Paulino (para Brás): Olha lá, Brás, o que é que estás a assentar hoje? Os quilómetros que já fizemos?

Brás: Sim, isso também.

Ernestino: E que mais? Que se nos acabou a última pinga de vinho e que não sabemos aonde ir buscar mais?

Brás: Sim, isso também.

Paulino: E que pedimos boleia a cento e quarenta automobilistas, e que todos fizeram de conta que não nos viram?

Brás: Sim, isso também.

Ernestino: E que mais? Não aconteceu mais nada, pois não?

Brás: Pelo contrário: aconteceram muitas mais coisas. Encontrei um bocado de mica como nunca tinha visto antes. (Tira-o do bolso e mostra-o aos irmãos). É para a minha colecção. Logo pela manhã passou por nós uma mulher que perguntou: «não me podem dizer as horas?». Vimos também uma menina sentada numa pedra a chorar. Perguntámos-lhe o que é que tinha acontecido. Respondeu: «perdi o dinheiro que o patrão me deu para comprar cigarros». Oferecemos-lhe um gole do nosso vinho.

Paulino: Bem arrependido estou, podia agora tomá-lo eu.

Brás: E pela tarde, um casal que passava num carro de bois parou para se rir de nós. Chamaram-nos palermas por andarmos a pé com a trouxa às costas. Mas a mulher ofereceu um punhado de azeitonas a cada um de nós.

Ernestino: O que só serviu para nos fazer mais sede.

Paulino: Quem ofereceu azeitonas devia oferecer também uma bebida. Mas diz lá: tu assentas todas essas ninharias no teu caderno?

Brás: Não são ninharias, são acontecimentos de viagem.

Ernestino: Enfim, à falta de outros acontecimentos, sempre servem para sujar umas folhas de papel.

Paulino (trocista): Pode ser que disso venha a sair um livro de aventuras e viagens, desses que o pai gosta de ler.

(Brás continua a escrever).

Ernestino: Talvez aquilo o ajude a aguçar a inteligência. Bem precisa, para resolver a adivinha.

Paulino (tira da saca um mapa e abre-o no chão): Vamos estudar o nosso caminho. (Indica um ponto no mapa). Estamos aqui, neste sítio. Se continuarmos por esta estrada fora chegaremos, dentro de umas horas, a um cruzamento. Ali cortamos à direita. Depois é caminhar sempre em frente, até esta aldeia onde vamos passar a noite.

Ernestino: Quantos quilómetros são?

Paulino: Vinte e cinco.







Ernestino: Não há tempo a perder. Temos de nos pôr a andar.

Paulino (guarda o mapa e tenta calçar os sapatos): Tenho os pés inchados, parece que já não cabem nos sapatos. (Com muito esforço e com a ajuda de Ernestino consegue calçar os sapatos. Mas apertam-no e geme de dores). Uiiii! O dedo grande cresceu, nem sei como.

Ernestino: Coragen, Paulino.

Brás: Lembra-te que a menina Lu Petrolina está à tua espera na Cidade-Das-Sete-Torres-Douradas. Se resolveres a adivinha e casares com ela, terás um automóvel, ou mesmo dois automóveis, e nunca mais precisarás de andar a pé.

Paulino: O que me está a parecer é que com estas dores nos pés não resolvo coisa nenhuma, quanto mais uma adivinha difícil.

Brás: As adivinhas não se resolvem com as dores, mas com a cabeça. E quanto mais penso no assunto, mais me apetece que seja um de vós o vencedor. Eu cá antes queria ser cunhado da menina Lu.

Paulino: Porque?

Brás: Não precisava de a aturar todo o santo dia.

Ernestino: Mas quem te disse a ti que a menina Lu custa a aturar?

Brás: Disse-mo esta coisa (aponta para a cabeça). Uma menina que se chama Lu não é uma menina qualquer. (Pronuncia devagar): Lu-Lu-Lu-Lu. É nome de cão. Desses brancos, com focinho afilado, que ladraram por tudo e por nada.

Ernestino: Disparate, Brás, nunca a viste.

Brás: Lá isso é verdade, nunca a vi.

Paulino: Então não fales antes do tempo.

Ernestino: É capaz de ser muito linda.

Paulino: E inteligente.

Brás: Inteligente, porque?

Paulino: Por ser filha do Conde que governa a Cidade-Das-Sete-Torres-Douradas.

Brás: Não basta. Ouvi falar de uma menina, filha de um presidente do Peru, que não sabia fazer contas, nem das muito fáceis.

Ernestino: Só sabes contar histórias tristes, que maçada!

Paulino: Deixemo-nos de fantasias e vamos mas é continuar o nosso caminho.

(Entretanto, puseram as trouxas às costas e ao ritmo do toque do tambor continuaram a caminhar em direcção à Cidade-Das-Sete-Torres-Douradas).

### Quadro III

#### EM CASA DE LU PETROLINA

**N**ma sala em casa de Lu Petrolina. A mobília é vistosa e rica. Na parede, há um retrato do pai de Lu, o Conde de Petrolina, que governa a Cidade-Das-Sete-Torres-Douradas. Junto à porta, um grande «gong». Lu descansa numa cadeira estofada de veludo cor-de-rosa. Traz o cabelo enrolado num lenço de seda, à maneira de turbante. Júlia, a criada, está a servir-lhe o lanche.

Falta pouco tempo para a hora do jantar, mas como se está em pleno Verão, ainda há luz do dia.

Lu: Fiquei arrasada. Nunca vi tantos rapazes numa vez só em toda a minha vida. E tantos parvos. Ai, tantos parvos, Júlia!

Júlia: Nem um único foi capaz de resolver a adivinha.

Lu: Nem um único, coitados.

(Molha um biscoito no chá e come-o lentamente).



Júlia: E, afinal, uma adivinha bem estúpida (ri-se).

Lu (zangada): Júlia! Como te atreves a chamar estúpida a uma coisa inventada por mim?

Júlia: Desculpe, menina, mas estava convencida de que a menina também a achava estúpida, julgava...

Lu (imperiosa): Não tens nada que julgar. Quem julga aqui sou eu, entendes?

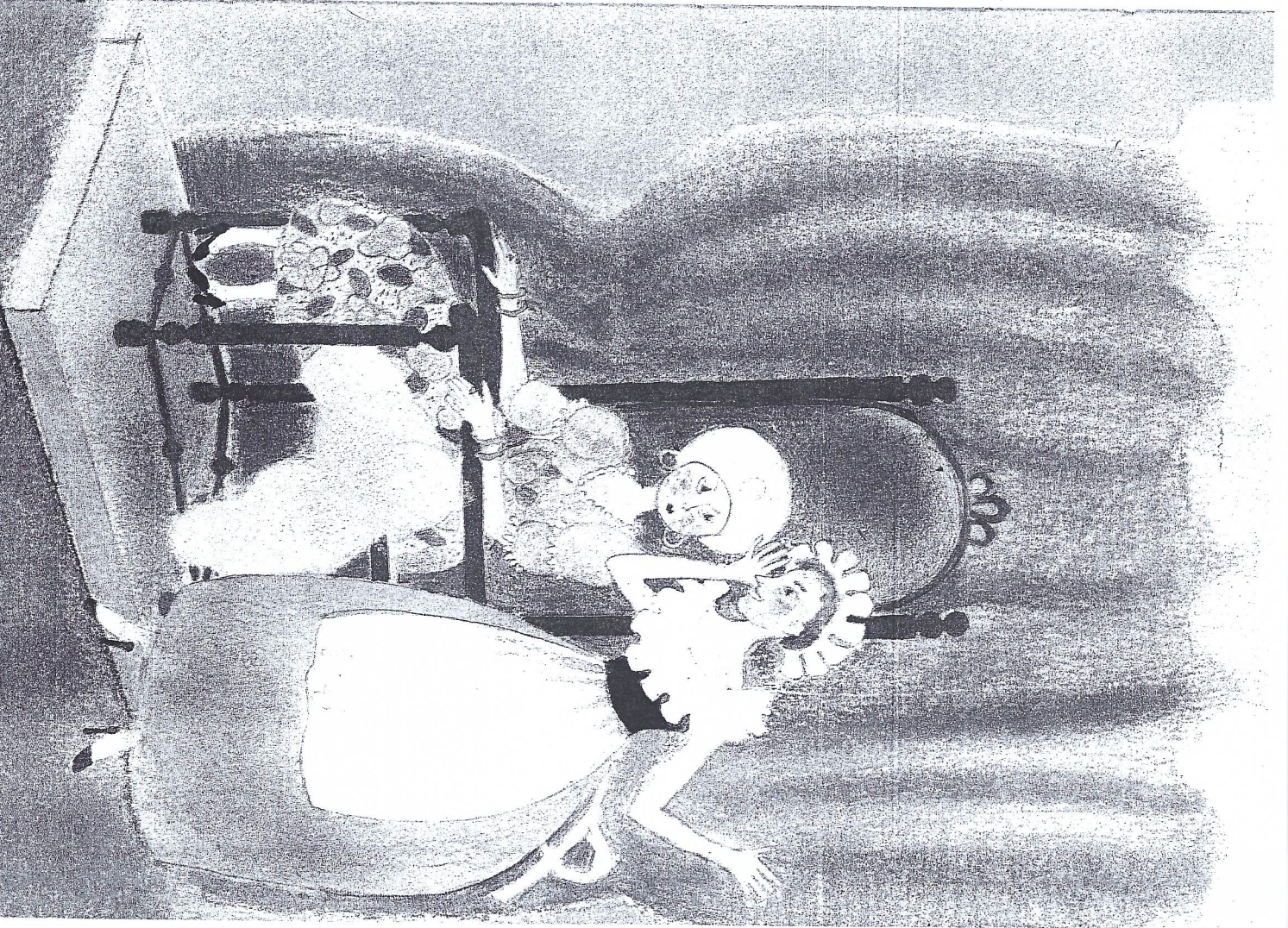
Júlia: Entendo, menina. Quem julga aqui é a menina e, já se vê, o pai da menina, o senhor Conde de Petrolina.

Lu: Deixa lá o pai. Tem a cidade toda por sua conta. (Desembrolha um bombom de chocolate e trinca-o, mas atrá-o sobre o tabuleiro). Brri! Que horror de chocolate. Júlia. Tem avelãs à mistura. Já te disse não sei quantas vezes que não gosto de bombons de chocolate com avelãs à mistura.

Júlia: Desculpe, menina, sou uma cabeça no ar. Não me lembrei quando os comprei, achei bonito o papel.

Lu: Se calhar pensas que eu como o papel. És uma aselhal! Mas continua a falar no jogo da adivinha.

Júlia: Tive tanta graça tudo aquilo. A menina a pôr uma cara muito séria (imita a cara que Lu fazia durante o jogo) e a perguntar sempre a mesma coisa àqueles brutilhos todos. Parecia uma professora a interrogar os alunos no exame. E eles convencidos de que se tratava de um problema difícil, desses que só os grandes sábios resolvem. Um deles até respondeu: «azul de céu», com





ares de poeta. E um outro: «cor de chumbo», com ares de gato-pingado em dia de chuva. Ah! ah! ah!

Lu: Pobres diabos, não passam de pobres diabos. (Trinca uma torrada e atira-a para o tabuleiro). Júlia, as torradas estão frias. Como é isto possível?

Júlia: Já as fiz há um bom bocado, não podem ficar quentes todo o tempo.

Lu: Torradas só se fazem uns momentos antes de serem comidas. Qualquer criança o sabe. Não tens jeito para nada, Júlia. Mas continua a falar do jogo da adivinha.

Júlia: Chegavam a fazer pena. Alguns até eram bem parecidos, ninguém diria que eram tão brutinhos. Sendo a adivinha tão estúpida (assustada, tapa a boca com a mão).

Lu (muito irritada): Se te atreves mais uma vez a pôr defeitos numa coisa que eu inventei, estás despedida!

Júlia: Pego perdão, menina, às vezes digo as coisas sem pensar primeiro.

Lu: O que é um mau costume. Primeiro pensa-se e depois fala-se ou fica-se calado.

Júlia: Tem toda a razão, menina. A palavra é de prata, o silêncio de ouro, dizia a minha avó, mulher muito ajuizada com quem toda a gente lá na terra se aconselhava. Dizia ela também que eu andava sempre com o coração nas mãos e que isso não me trazia proveito.



Lu: Não percebo o que é que tem a ver o teu coração com a minha adivinha.

Júlia (um tanto travessa): Não tem nada, menina, mesmo nada. Estava-me apenas a recordar da minha avó, mulher muito ajuizada e muito inteligente.

Lu (comendo uma fatia de bolo): Pessoas muito ajuizadas e muito inteligentes são maçadoras. E este bolo tem uvas passas a mais. Devia ter antes cerejas cristalizadas, davam-lhe outra graça. Nunca as coisas estão ao meu gosto, é uma maçada. Deita-me mais chá. E vê lá se tratas de me arranjar um entretenimento divertido para esta noite. Sempre é o meu aniversário, e não é justo que me aborrega em data tão importante.

Júlia: Mas a menina não se divertiu já bastante com a recepção aos rapazes e com o jogo da adivinha? Não foi para se divertir que inventou o jogo?

Lu: Foi, sim senhora. Mas não pensei que os rapazes me iam sair todos tão imbecis. Não me diverti nada, afinal.

Júlia: Pois eu cá diverti-me imenso.

Lu: Tu divertes-te com tudo e mais alguma coisa. És uma pateta alegre. Mais açúcar, o chá está azedo.

Júlia (enquanto deita açúcar na chávena de Lu): Talvez o senhor Conde de Petrolina queira levar a menina ao teatro esta noite.

Lu: Teatro! Não quero ir ao teatro. Já vi as peças todas que andam nos teatros. Não prestam, não são divertidas.

(Ouve-se bater à porta).

Lu: O que há?

(Entra Roberto, o criado).

Roberto: Estão lá fora três rapazes, irmãos por sinal. Vieram por causa do jogo da adivinha.

Lu: Porque é que não lhes disseste que já acabou? Manda-os à fava, estou cheia de imbecis até aos cabelos.

Roberto: Vieram de muito longe. Caminharam três dias a pé.

Júlia: Três dias a pé? Que valentões!

Lu: Que caminhassem mais depressa, para chegarem a horas decentes. Manda-os embora.

Roberto: São alfaiates, menina.

Júlia: Alfaiates? Os três?

Roberto: Os três.

Júlia: O meu avó também era alfaiate.

Lu: O teu avó não é para aqui chamado, Júlia.

Júlia: Desculpe, menina, mas não posso deixar de me lembrar dele. Era um homem fino, todos os alfaiates são homens finos. Costuma dizer-se que um alfaiate é tão fino que o seu juízo passa pelo buraco de uma agulha.

Lu: Ah! ah! ah! Pelo buraco de uma agulha! Nunca lidei com alfaiates, uso modistas. Que tal são eles, Roberto?

Roberto: Dois têm boa figura, menina. O outro vale pouco, parece um franganote.

Lu: Se tiver também inteligência de franganote, há-de ir longe. Enfim, vamos divertir-nos um pouco. Três alfaiates de uma só vez, não é coisa que se veja todos os dias. Manda-os entrar.

(Roberto sai. Júlia arruma o tabuleiro do lanche. No limiar da porta aparecem Paulino, Ernestino e Brás, bastante embaraçados).

Júlia (animando-os): Entrem, entrem, senhores alfaiates. Não se aca-nhem, aqui só encontram gente boa.

(Os três irmãos aproximam-se. Fazem uma vénia).

Os Três: Muito boa tarde, prezadas meninas.

Lu: Como se chamam, meus senhores?

Paulino: Sou o Paulino.

Ernestino: Eu, o Ernestino.

Brás: E eu, o Brás.

Lu: Com que então são alfaiates?

Os Três: Somos sim, menina.

Lu: De fatos e sobretudos?

Os Três: De fatos e sobretudos.

Lu: Consta que os alfaiates são finos. É verdade?

Os Três: Talvez seja.

Lu: E vieram ao meu anúncio?

Os Três: Viemos sim, menina.

Lu: Gostam de adivinhar?

Os Três: Gostamos muito, menina.

Lu: Já resolveram muitas adivinhas?

Paulino: Eu, algumas.

Ernestino: Eu, também algumas.

Brás: Eu cá nunca resolvi nenhuma.

(Paulino e Ernestino olham para Brás, admirados).

Paulino: Então não resolvias as adivinhas do Almanaque do Natal?

Brás: Ah, isso era outra coisa. Não eram adivinhas, eram enigmas.

Lu: E há por acaso uma diferença entre adivinhas e enigmas?

Brás: Uma grande diferença! Um enigma é enigmático, misterioso. É

um segredo que custa a decifrar. Uma adivinha é uma adivinha, mais nada.

Júlia: Eu não disse que os alfaiates são finos?

Lu: E quem lhe disse, senhor Brás, que a minha adivinha não é um enigma?

Brás: Ninguém me disse, menina. Eu é que julguei que não era.

Lu: Pois julgou mal. A minha adivinha é tão enigmática que até agora ninguém foi capaz de a resolver. Júlia, vamos então começar. Já que consta que os alfaiates são finos, talvez tenhamos hoje uma surpresa. (Para os três irmãos): Ponham-se em fila! (Os três põem-se um ao lado do outro).

Lu: Não, assim não. Um atrás do outro, como os patos.

(Obedecem. O primeiro na fila é Paulino, segue-se Ernestino e depois Brás).

Júlia: Não há dúvida, três alfaiates jeitosos.

(Júlia toca o «gong», sinal de que o jogo vai começar).

Lu (fazendo uma cara muito séria e falando com cerimónia): Como vêem, uso um turbante. Debaixo do turbante fica o meu cabelo, esusado é dizê-lo. Ora, o meu cabelo tem uma cor fora do vulgar, ninguém no mundo tem uma cor igual, nem as princesas das histórias. É uma cor para inspirar poetas e pintores e fazer inveja a todas as raparigas e mulheres. Se um dos senhores conseguir adivinhar a cor do meu cabelo, será o meu marido, ainda neste Verão.



Os Três (desapontados): É essa a adivinha?

Lu: É sim, meu senhores.

Júlia (escondendo um sorriso): É uma adivinha muito profunda.

Paulino: Talvez seja.

Ernestino: Há poços estreitos, mas profundos.

Brás: É uma adivinha que me faz doer os pés.

Lu: Que está para aí a dizer o senhor alfaiate Brás?

Brás: Estou a dizer, menina, que a adivinha me faz doer os pés.

Lu: Que quer dizer com isso?

Brás: Quero dizer que caminhei dois dias a pé por causa dessa adivinha, e ao pensar nisto os pés começam a doer-me. É a maneira deles se revoltarem. Muito simples, não é verdade?

(Júlia ri-se à sucapa).

Lu: Se estou a entender bem, há no senhor um contacto entre o cérebro e os pés, o que é mau sinal. As pessoas assim tanto pensam com a cabeça como com os pés. Para resolver a minha adivinha tem de usar a cabeça, alfaiate. Se usar os pés não acertará. Mas não posso perder tempo. Daqui a pouco são horas de jantar. Senhor alfaiate Paulino, que cor tem o meu cabelo?

Paulino (roendo as unhas): Ai de mim, como hei-de eu saber?

Lu: Não se trata de saber, trata-se de adivinhar.

Paulino (repentinamente): O cabelo da menina tem a cor da canela.

(Lu e Júlia riem-se).

Júlia: A cor da canela, ora olçam! O senhor deve estar com vontade de comer um arroz doce polvilhado com canela.

Lu: Boa ideia, Júlia. Para o jantar, quero arroz doce polvilhado com canela. (Para Paulino): Errado! Responda o seguinte.

Ernestino (pondo a mão na testa): Por mais que me esforce só consigo imaginar a menina Lu com um cabelo cor das algas.

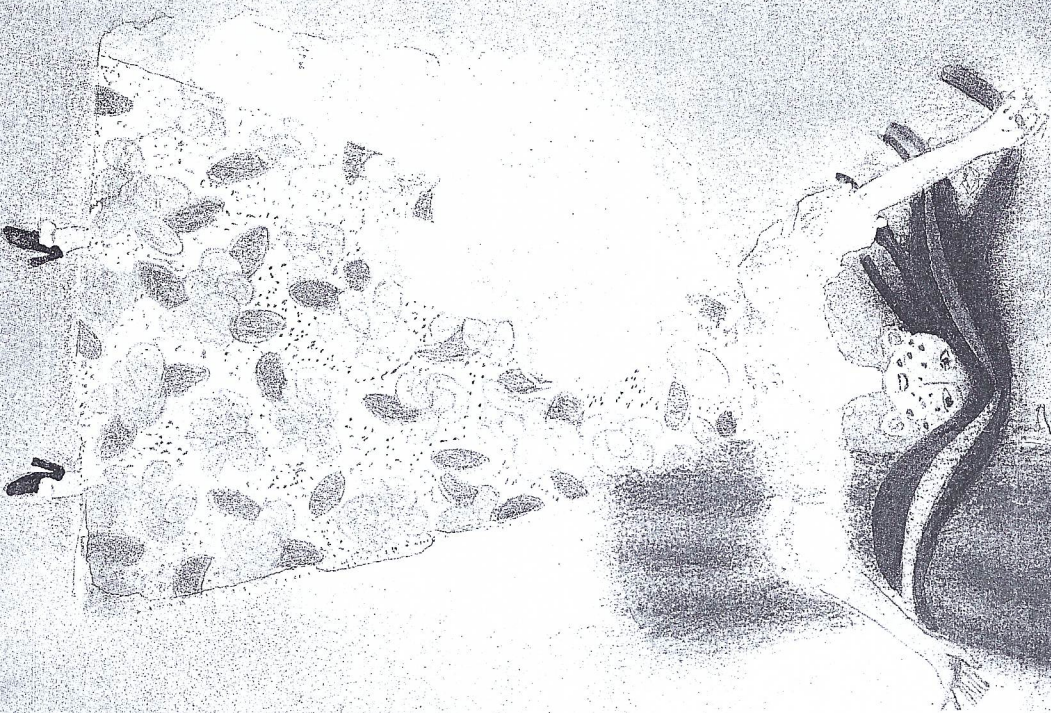
Júlia (batendo palmas): Bravo! Algas! Que imaginação! Algas! O senhor deve estar com vontade de tomar um banho de mar.

Lu: Boa ideia, Júlia! Vou tomar um banho de mar antes do jantar. Está um calor de rachar. (Para Ernestino): Errado! Responda o seguinte.

Brás (aproximando-se da cadeira de Lu e examinando-a bem):

A menina Lu tem uma pele muito branca, quase cor de leite. E tem sardas, muitas sardas. Ora, as meninas com uma pele tão branca e com tantas sardas costumam ter o cabelo ruivo. Mas como a menina Lu é extravagante e não quer ser igual a ninguém, juntou àquela cor mais uma ou duas. Duas, sim, duas. Uma, acharia pouco. E como é vaidosa e gosta de se gabar com a fortuna do pai, escolheu a cor das moedas: o ouro e a prata. A menina Lu tem no cabelo ruivo uma risca dourada e outra prateada.







(Lu fica petrificada. Júlia dá pulos de alegria).

Júlia: Eu não disse? Eu não disse? Não há gente mais fina de que os alfaiates. O meu avó...

Lu (muito irritada): Cala-te Júlia! Não me interessa o teu avó nem ninguém da tua família.

Júlia: Desculpe, menina, não torno a falar no meu avó. Mas vamos ter casamento, não vamos?

Lu (levantando-se da cadeira e andando de um lado para o outro): Que é que julgam? Que as coisas são tão fáceis como isso? O alfaiate Brás acertou, de acordo. (Tira o turbante da cabeça e tem, de facto, o cabelo ruivo com uma risca dourada e outra prateada) Mas, para que possa vir a ser o meu marido, tem que prestar mais uma prova. Se se sair bem dela, então sim, hei-de casar-me com ele.

Brás: Se eu quiser casar-me consigo, menina Lu.

Lu (com desdém): Não se faça engraçado, alfaiate Brás. E ouça bem: no curro, ao fundo do parque que cerca a casa, tenho um grande urso. Terá que passar a noite com ele. Se conseguir dominá-lo e ainda estiver vivo amanhã de manhã, então não haverá mais nada que me impeça de o achar digno de ser o meu marido.

Júlia: Menina Lu, menina Lu, está a ir longe de mais!

Brás: Mas porque é que vos afligis? Um urso? Um urso grande? Nunca me assustaram os ursos, nem os pequenos nem os grandes ursos. Conheci um que dançava ao som de um realéio. Dançava o

samba. E não era carioca. Como se chama o seu urso, menina Lu?

Lu: Olaf.

Brás: Olaf. Nome estranho, soa bem, parece música. Vamos então conhecer esse Olaf.

(Lu toca a campainha. Entra Roberto).

Lu: Roberto, o alfaiate Brás vai passar a noite no curro com o Olaf.

Roberto (espantado): O quê? Com o Olaf?

Lu: Não faças tanto espanto, Roberto. Mete-o no curro.

Brás: Esperem! Tanta pressa será abuso. Julgo que tenho o direito de pedir um farnel, não é verdade? Ainda não comi coisa que se veja em todo o dia.

Lu: Está bem, diga lá o que é que lhe apetece comer.

Brás: Um arroz de frango, uma dúzia de sandes de presunto, um grande cartucho de nozes, um frasco de mel e um bom vinho tinto.

Lu: Roberto, trata disso. E manda os outros dois alfaiates embora.

Brás: Altol Não pode mandar embora os meus irmãos. Eles precisam de saber, amanhã, o que é que foi feito de mim. Se eu morrer, têm de ir ao meu enterro. (Em voz de comando): Júlia, dê de jantar aos meus irmãos! Mas um jantar a valer!

Lu: Como se atreve a dar ordens à minha criada, alfaiate Brás?

Brás: Era só para ver como seria se eu fosse o dono desta casa.

(Lu dá um grito de raiva).

Lu: Leva-os, Roberto, leva-os! Malditos alfaiates!

(Roberto sai com os três irmãos.)

Lu (para Júlia): Uff! Desse estou eu livre! Olaf vai encarregar-se de o fazer em bocadinhos, como se fosse um boneco de trapos.

Júlia: Sabe-se lá, sabe-se lá, os alfaiates são muito finos. O meu avô...

Lu: Júlia! Agora chega de parvoíces. Traz-me o fato de banho. Vou à praia. E não te esqueças de me arranjar o arroz doce com canela. Amanhã, se tivermos apetite para tanto, vamos comer um alfaiate ao almoço.

(Dá uma gargalhada, mas Júlia fica calada).

#### Quadro IV

#### NO CURRO DO URSO OLAF

**N**o fundo do parque. Arbustos, relva e flores. A porta e a janela do curro estão fechados.

Lá dentro dormita e ressona o urso Olaf. Há palha espalhada pelo chão. Há uma vassoura encostada à parede e uma grande gamela junto à porta. No parque, surgem Roberto e Brás. Brás carrega o tambor e a trouxa. Roberto leva o cesto com o farnel e uma lanterna. Diante da porta do curro, param.

Roberto: Ouves? Está a ressonar. Passa o dia a dormir. Mas mal anoitece acorda. É como os morcegos, só lhe faltam as asas.

Brás: O que faz ele quando acorda?

Roberto: Anda de um lado para o outro, resmungando, bufa e de vez em quando come. Sou eu que lhe trago a comida. É um bico-de-obra. Entreabro a porta só um bocadinho, despejo o rancho na gamela e fecho logo outra vez a porta.



Brás: Coitado do Olaf, deve aborrecer-se muito.

Roberto: Tem pena dele? Esses bons sentimentos não-de passar-lhe depressa.

Brás: Ó Roberto, diz-me uma coisa: o que quer a menina Lu com o urso aqui fechado?

Roberto: A bem dizer, também não sei. Há uns anos atrás fez uma viagem a um país lá muito ao Norte e foi de lá que ela trouxe o Olaf. Nessa altura, era um urso muito pequeno, do tamanho de um cachorro, e tão engraçado que toda a gente se encantava com ele. Ficava à mesa dos patrões e dormia no quarto da menina. Mas, como acontece com todas as criaturas, também ele foi crescendo. Já se vê, perdeu a graça e deixou de ser mansinho. Fazia das suas e começou a meter medo às pessoas. Então a menina resolveu fechá-lo aqui, neste curro.

Brás: Podia tê-lo oferecido a alguém que o tratasse melhor.

Roberto: Podia. Mas parece que o guardou para o poder utilizar em ocasiões como esta.

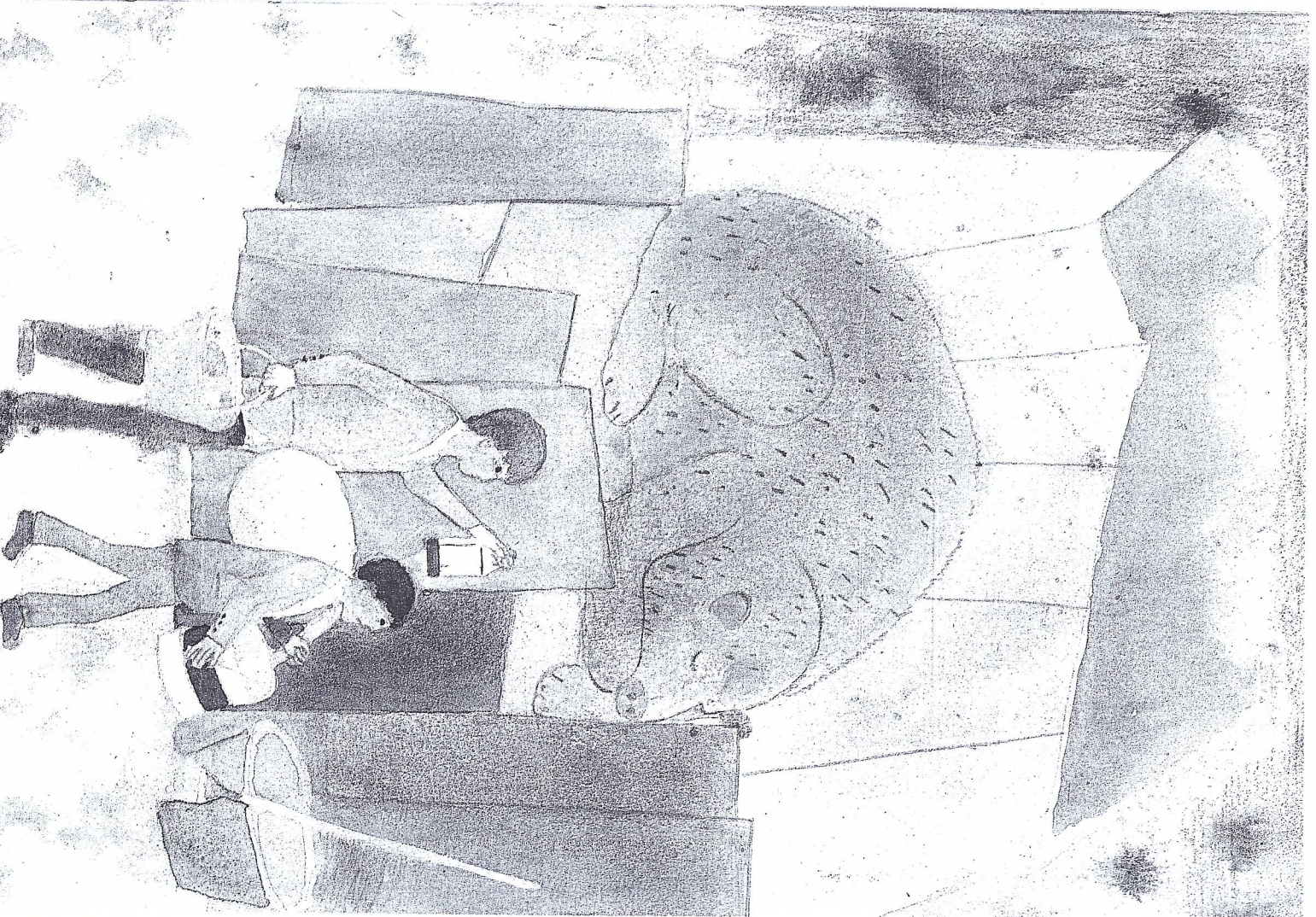
Brás: Para se livrar de algum maçador.

Roberto: Sim, mais ou menos isso.

Brás: E não vem cá de vez em quando visitá-lo?

Roberto: Tem mais que fazer.

Brás: Tem mas é medo.





Roberto: Talvez tenha.

Brás: E você também tem medo?

Roberto (embaraçado): Enfim, sempre é um bicharoco de respeito. Há-de ver.

Brás: Amanhã lhe direi, Roberto.

(Brás vai apanhando uns seixos do chão e mete-os ao bolso).

Roberto: Para que quer os seixos?

Brás: Para fazer um jogo com o Olaf.

Roberto: Tem cada uma! Enfim, eu vou andando ao meu serviço. Tome lá o seu farnel e a lanterna. (Remexe nos bolsos). E os fósforos, quase me ia esquecendo. Espero encontrá-lo amanhã de manhã com boa saúde. Para que haja casamento! E que casamento! (Ri-se e bate cordialmente nas costas do Brás).

Brás: Até amanhã, Roberto. Cumprimentos aos meus irmãos. E diga-lhes que havemos de tomar o pequeno-almoço juntos.

(Roberto abre a porta do curro com uma chave. Brás entra. Roberto torna a fechá-la à chave e depois afasta-se pelo parque fora. Brás olha em volta, pausa o cesto, a lanterna, a trouxa e pendura o tambor num prego. Com a vassoura, junta um montão de palha num canto e senta-se em cima. O urso ainda rressona e não dá por nada. Brás tira da trouxa o diário e do bolso do casaco o lápis. Começa a escrever).

Brás: Cidade-Das-Sete-Torres-Douradas. 25 de Agosto. Em casa da

menina Lu Petrolina, mais precisamente no curro do urso dela, que se chama Olaf. Foi um dia levado da breca. Chegámos pela hora do almoço a esta cidade. Perdemos-nos logo ao virar a primeira esquina. Andámos por avenidas, praças, ruas e vielas; perguntámos o caminho às pessoas que passavam, umas não nos respondiam, tinham muita pressa, outras eram amáveis e diziam: pela direita, depois pela esquerda e outra vez pela direita e depois sempre em frente. Aconselharam-nos a tomar um autocarro ou o comboio metropolitano, mas não tínhamos dinheiro. Boleia ninguém nos dava, houve até quem nos insultasse quando fizemos sinal. Se a mãe visse o que se passa numa cidade como esta, nem acreditava, era capaz de julgar que estava a sonhar. Os meus irmãos ficaram entusiasmados com a cidade e eu também não a acho feia. (Começa a escurecer. Brás interrompe a escrita). Já não vejo nada. Vou acender a lanterna. (Puxa a lanterna para junto de si e com um fósforo acende-a. Depois dá com os olhos no cesto). E já agora, primeiro vou comer. O diário pode esperar. (Vai buscar a cesta, volta a sentar-se e tira um prato, um copo, um talher, uma panela, um frasco de mel, um cartucho de nozes, um embrulho de sandes, uma garrafa de vinho. Serve-se da panela e começa a comer). Bem bom. Arroz de frango, o meu prato favorito. Se a mãe cá estivesse... (Neste momento o urso começa a dar voltas sobre a palha, rosnando. Depois levanta a cabeça, fareja no ar, vira os ouvidos para cá e para lá, como quem escuta com muita atenção. Ergue o tronco, olha com insistência para o sítio onde está Brás. Como todos os ursos, também ele vê mal. Levanta-se e aproxima-se de Brás. Ao distingui-lo, fica parado, perplexo. Desconfiado, desata a rosnar com força).

Brás: Olá, seu Olaf! Passou bem? São boas horas para um urso acordar. Já está a anoitecer.

(O urso põe-se a farejar as comidas que Brás espalhou diante de si).

Brás: Coisas boas: arroz de frango, sandes de fiambre, vinho tinto. E mel. (Levanta o frasco contra a luz da lanterna). Parece ouro, ouro líquido. (O urso fareja o cartucho). Ah, isto? (Abana com o cartucho). São nozes, das grandes, muito redondas, do pomar da menina Lu.

(Olaf rosna contrariado).

Brás: Ah sim, desculpa, Olaf. Não queres ouvir falar da menina Lu, compreendo.

(Olaf tenta agarrar o frasco de mel e as nozes).

Brás: Calma, calma, Olaf. Senta-te. Convido-te para jantares comigo.

(Olaf senta-se e torna a querer agarrar no frasco de mel e no cartucho).

Brás: Tudo por partes, Olaf, tudo por partes. Primeiro, um pouco de arroz de frango. (Como não há mais pratos, desembulha as sandes e estende o papel diante de Olaf). À falta de melhor, espero que te remedeies com este «prato». (Serve-lhe um pouco de arroz e uma fatia de carne. Deita vinho no copo). Bebemos pelo mesmo copo, se não te importas.

(Os dois comem e bebem).

Brás: E agora, as sandes. Têm presunto, fatias grossas, um regalo.  
(Comem várias sandes).

Brás: Bem bom, não achas?

(Olaf rosna, como quem não está de acordo).

Brás: O quê? Não gostas? Já sei, estás a pensar na sobremesa, como os meninos. Mas já não tens idade para isso, Olaf.

(O urso pousa a pata sobre o frasco de mel).

Brás: Tira daí a pata, seu atrevido! É assim que se comporta um convidado? Tem um pouco de brio, Olaf. Oví dizer que costumavas comer à mesa da menina Lu quando eras pequeno, e que te portavas como um menino bem educado.

(Olaf levanta as patas ao ar e solta murmúrios zangados).

Brás: Desculpa, desculpa, tens toda a razão. Para que falar de uma menina tão ingrata? Primeiro, traz um ursinho engraçado lá das terras do Norte. Dá-lhe nome de um príncipe. Diverte-se com ele, depois farta-se e mete-o num calabouço como este. Não sabe o que é amizade, não sabe.

(Olaf faz um gesto de cabeça como quem diz: «é isso, é isso»).

Brás: Pois, pois, Olaf, por vezes a vida é dura. Eu também não tenho razões para rir. Calcula tu: consegui resolver uma adivinha que aquela menina, cujo nome não te soa bem aos ouvidos, inventou, uma adivinha tão estúpida que nem sequer me sinto honrado por a ter resolvido. Como pré-nio, devia casar-me com ela, foi o que prometeu. Mas não cumpriu a promessa, e em vez disso meteu-me aqui no teu curro para que me despedaças.



(Olaf leva as patas à cabeça, como quem diz: «que loucura, que loucura!»).

Brás: Mas eu sei melhor do que ela que um urso como tu não é tão mau como parece, que só faz mal a quem lhe fizer mal a ele, não é assim?

(Olaf murmura qualquer coisa entre dentes).

Brás: Pois claro, pois claro. Vamos então à sobremesa.

(Arruma a panela na cesta e abre o frasco. Tira uma colher cheia de mel e mete-a à boca. Olaf agita-se).

Brás: Espera, espera, há-de chegar a tua vez. (De novo enche a colher de mel). Vamos, abre a boca.

(Olaf abre a boca largamente e Brás enfiá-lhe o mel).

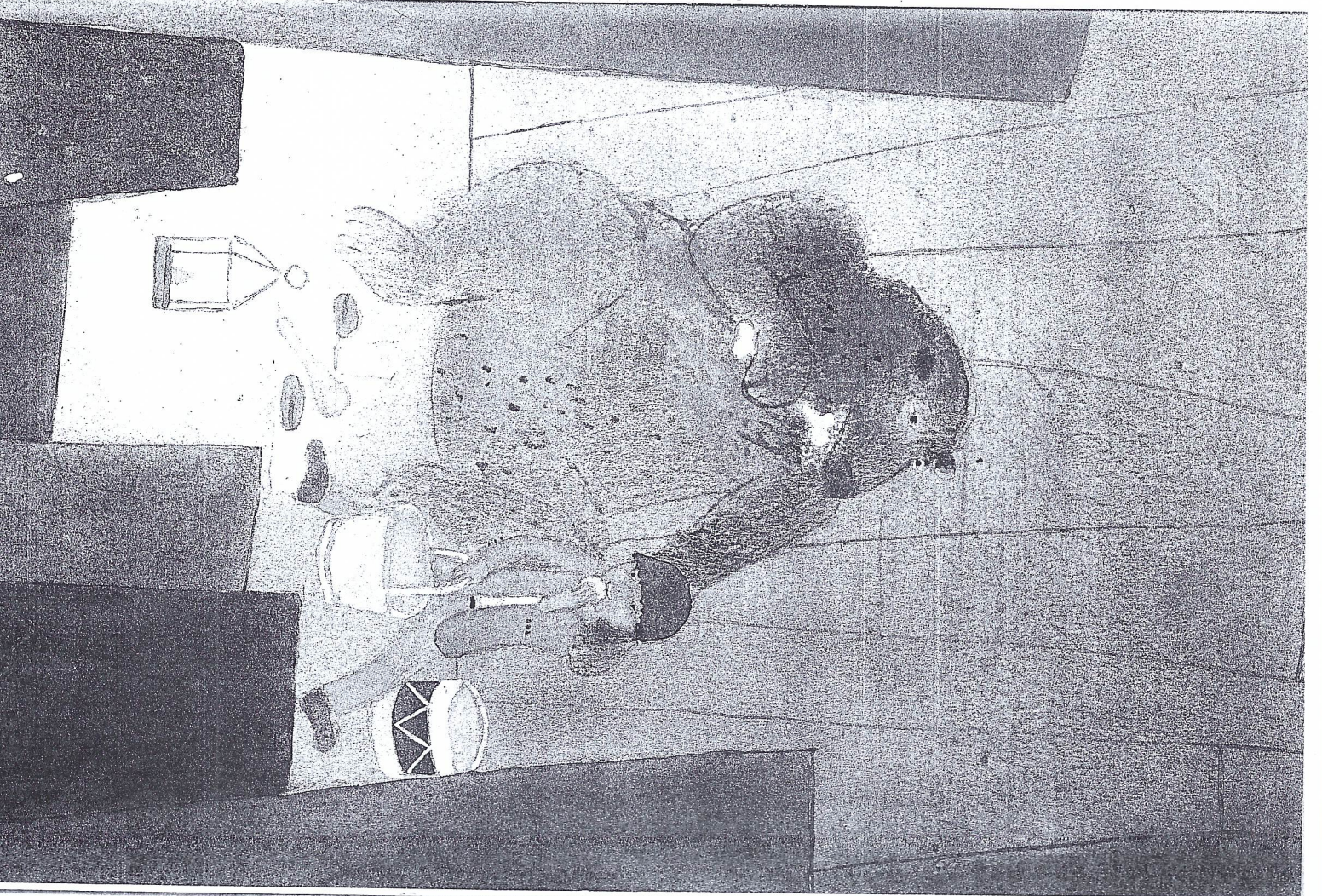
Brás: A isto chama-se um bom petisco, hem?

(Olaf lambe os beiços).

Brás: Vá, mais um!

(Enche de novo uma colher. Olaf abre logo a boca e come com gozo. Brás fecha o frasco e arruma-o na cesta. Olaf põe a pata sobre o cartucho).

Brás: Ah, seu espertalhão, as nozes! Mas as nozes não são para já, ficam para daqui a um bocadinho. É bom haver sempre uma alegria à nossa espera! A noite vai ser longa, bem sabes.





(Olaf levanta-se e começa a caminhar de um lado para o outro, excitado).

Brás: Tem calma, amigo, tem calma. Quando prometo, cumpro. Há-de comer uma boa dúzia de nozes. Deixa-me só acabar de apontar no meu diário o que se passou hoje comigo e com os meus irmãos. Senta-te e ouve. (Começa a escrever): Abriu-nos a porta um criado que se chama Roberto. Nunca na nossa vida tínhamos visto uma casa assim: no corredor havia uma passadeira azul e na sala um tapete vermelho, de ponta a ponta. As mobílias reluziam e a cadeira em que estava sentada a menina Lu...

(Olaf rosna e levanta a pata. Brás interrompe a escrita).

Brás: Assim não vale. Não posso contar as coisas sem falar na personagem principal. Paciência, continuo amanhã depois do pequeno-almoço, que hei-de tomar com os meus irmãos.

(Guarda o diário. Durante uns momentos reina o silêncio. Brás e Olaf entretêm-se. Depois Brás pega no tambor e começa a tocar um ritmo. Primeiro Olaf fica a olhar, espantado. Em seguida levanta-se devagar, com movimentos pesados e ao mesmo tempo engraçados, como é costume dos ursos. Com as quatro patas no chão, caminha até meio do curro. Toma um porte quase gracioso, ergue as patas e começa a dançar ao som do tambor. Brás, ao vê-lo assim, toca com mais ânimo, e Olaf dança com mais fervor. Quando acaba a música e a dança, Brás levanta-se, vai ter com Olaf e bate-lhe nas costas).

Brás: Bravo, bravo, Olaf! (Vira-se para o público). Palmas, palmas, por favor. Alguma vez viram um urso com tanta habilidade? Eu cá

nunca vi. (Para Olaf). Os meus parabéns, Olaf. E agora vamos às nozes, que bem as mereces, meu amigo.

(Olaf, ainda animado pela dança e pelo sucesso, saracoteia ao lado de Brás, que pega no cartucho das nozes. Tira uma noz para si e finge tirar outra para Olaf, mas em vez disso dá-lhe um dos seixos que apanhou no quintal).

Brás (segredando para o público): Não digam nada, é um seixo.

(Olaf, de tão miope, não dá pela fraude. Enquanto Brás parte a noz com o tacão do sapato, ele leva o seixo à boca e começa a trincar. Ao ver que não consegue partir o que julga ser uma noz, faz o que viu fazer a Brás: pouso o seixo no chão e pisa-o com uma pata. Mas nada consegue. Fica desesperado, rosna, agita as patas no ar).

Brás (com ar muito cândido): Então, meu amigo, não sabes partir uma noz? Julgava que to tivessem ensinado. Vá, experimenta esta, talvez não seja tão dura.

(Finge tirar duas nozes do cartucho, mas na realidade só tira uma para ele. A Olaf dá outra vez um seixo. De novo Olaf tenta abri-lo com os dentes e depois com a pata, enquanto Brás parte a noz dele e a come com grande prazer).

Brás: Que delícia. Já há muito que não comia nozes tão boas.

(Olaf começa a chorar, pois os ursos gostam muito de nozes e ele está a ver que não consegue comer nenhuma).

Brás: Ouve, meu caro amigo, estou mesmo a ver que não és capaz de

partir uma noz. Mas eu prometi-te que havias de comer nozes esta noite. Não hei-de ser tão reles que falte à minha promessa. Vamos por isso fazer um acordo: eu parto as nozes para ti, todas as que ainda há no cartucho. Tu vais comê-las, mas depois deixas-me dormir um bom sono até amanhã de manhã, quando o sol se levantar. É que andei três dias a pé e estou muito, muito cansado.

(Olaf começa a andar em volta dele, contente, fazendo sinais que sim, que está de acordo).

Brás (estende-lhe as mãos): Combinado, meu amigo?

(Olaf murmura alguma coisa que se parece com «combinado». Os dois sentam-se e Brás, tirando um sapato, põe-se a partir as nozes, uma atrás da outra, estendendo-as para Olaf, que as come, deliciado).

Brás: A minha Mãe também me abria assim as nozes, quando eu era pequeno. Mas só havia nozes no Natal e um cartucho tinha de render para a família toda. Tens sorte, Olaf, por poderes comer nozes fora do Natal, em pleno Verão. (Enquanto Olaf acaba de comer as nozes, Brás ruía no tambor. Depois diz): E agora chegou ao fim o nosso sarau divertido. Bem sei que gostas de dormir de dia, Olaf, mas espero que não te custe muito abrires hoje uma excepção, já que tanto me cansei a partir-te as nozes. Vá, deita-te ao meu lado e deixa-me encostar a cabeça à tua barriga.

(Olaf, roncando de contente, deita-se ao lado de Brás, que encosta a cabeça à barriga dele. Brás apaga a lanterna).

Brás: Boa noite, amigo Olaf.

(Olaf rosna alguma coisa que se parece com «boa noite, amigo Brás»).

(O dia nasce. Lá fora, no quintal, aparecem Roberto e Júlia. Aproximam-se do curro e encostam o ouvido à porta).

Roberto: Só ouço o roncar do Olaf. Teria dado cabo do pobre alfaiate?

Júlia: Com certeza. Mas era o que a menina queria quando o mandou para aqui.

Roberto: E era um rapaz bem simpático. E esperto. Olha, Júlia, uma coisa que te vou dizer: se ele estiver morto, vou-me embora desta casa. Não me agrada viver junto de uma menina caprichosa que só sente prazer em fazer mal aos outros.

Júlia: Também eu estou farta dela até aos cabelos. (Imita a voz de Lu): Júlia, traz-me o chá! Júlia, as torradas estão frias! Júlia, não gosto de uvas passas! Júlia, és uma aselha! É isto todo o dia, um aborrecimento.

Roberto: Não queres abrir a porta?

Júlia: Eu? Quem tem a chave és tu.

Roberto: Vou espreitar pela janela. (Espreita). É tão pequena, esta janela. Só vejo o Olaf, que está a dormir, mas onde se meteu o alfaiate?

Júlia: Deixa-me espreitar a mim. (Espreita). Parece-me ver o alfaiate estendido ao lado dele.



Roberto (com ânsia na voz): Morto?

Júlia: Sei lá. Tanto, não consigo ver.

(Aparece Lu).

Lu: Então o que é isto? Ainda não abriram a porta? Vamos lá, quero ver um alfaíate espertalhão feito em bocados.

(Roberto abre a porta. Os três entram. Olaf e Brás estão a dormir fraternalmente no chão. Brás ainda tem a cabeça encostada à barriga do urso. Lu recua, aterrorizada).

Lu: Ai de mim! Ai de mim! Está vivo e inteirinho!

(Olaf e Brás acordam. Brás esfrega os olhos e Olaf reboia-se no chão).

Brás: Onde estou? Ah, já sei, vim passar a noite com o meu amigo Olaf. Bom dia, Olaf, dormiste bem? (Olhando para as pessoas que estão ali): Ah, a menina Lu! E a Júlia e o Roberto! Bom dia a todos. Passaram bem a noite?

(Olaf levanta-se, rosna alto e aproxima-se de Lu levantando as patas contra ela, num gesto de ameaça. Lu recua e grita).

Brás: Olaf, o que é isso? Perdeste o juízo? (Pega-lhe numa pata e arrasta-o consigo). Então não vês que a menina Lu veio cá fazer-te uma visita? E não era o que tu querias? (Para Lu): Há quanto tempo não vinha ver o Olaf, menina Lu?

Lu (timidamente): Há três anos.

Brás: Há três anos! Ora quem diria? Há três anos! E achas isso bem, menina Lu? O pobre Olaf aqui fechado, em vez de estar em casa da patroa e a comer com ela à mesa? Não há dúvida: a menina merecia que ele a despedaçasse em mil bocados, como quis que me fizesse a mim. Não acha, menina Lu?

(Lu não responde, mas recua até à porta).

Brás (pega-lhe pelo braço): Alto, alto! Não fujas, menina Lu! Então não vamos primeiro falar sobre o nosso contrato? Não se esqueça: resolvi a sua adivinha e dormi com o Olaf.

(Neste momento aparecem Paulino e Ernesto).

Os dois: Está vivo! Está vivo!

(Abraçam o irmão, mas logo em seguida recuam, receosos, ao avistarem Olaf).

Brás: Não se assustem, irmãos. É o Olaf, o nosso novo companheiro.

Ernesto: O nosso novo companheiro?

Paulino: Que queres dizer com isso?

Brás: Quero dizer o que estou a dizer: Olaf, o nosso companheiro.

Ernesto: Pensas em levá-lo?

Paulino: Levá-lo um urso?

Brás: Sim senhor, penso em levá-lo se ele estiver de acordo.







(Olaf rosna de contente e põe a pata no ombro de Brás).

Júlia: E o casamento com a menina Lu?

Roberto: Sim, o casamento com a menina Lu?

Ernestino: Quando é? Precisamos de avisar o pai e a mãe.

Paulino: E fazer-te um fato escuro.

Lu: Ai da minha vida, no que eu me meti!

Júlia: Então a menina não está satisfeita por ter arranjado um rapaz tão fino e tão valente?

Brás: Valente? Mas valente porque? Passei umas horas bem agradáveis com o meu amigo Olaf. Já há muito que não me divertia tanto. E quanto ao casamento: que case quem quiser com a menina Lu. Eu cá não estou interessado. Vou levar o Olaf para as florestas do Norte.

Lu (furiosa): Quem resolve se o alfaiate Brás casa comigo ou não, sou eu! Eu e mais ninguém!

Brás (desata numa grande gargalhada e bate nos lombos de Olaf): Ouves, Olaf? Quem resolve com quem eu me vou casar é ela. Ela e mais ninguém.. Tem pilhas de graça, não tem?

(Olaf rosna como quem se ri. E depois todos os outros se riem).

Brás: O jogo acabou, menina Lu. Se quiser começar outro, ponha anúncio no jornal. Eu cá me despeço, e não tenciono voltar. Mas

dou-lhe um conselho: não procure divertir-se à custa dos outros. As contas podem sair-lhe erradas. Quem tudo quer, tudo perde. E agora vamos, amigo Olaf.

(Os outros formam ala para deixar passar Brás e Olaf).

Paulino: Mas espera, Brás, espera. Já pensaste que não tens dinheiro para levar o urso para as florestas do Norte?

Brás (pára): Não te aflijas. O Olaf ajuda-me a ganhá-lo. Queres ver como?

(Bate um ritmo no tambor. Olaf começa a dançar).

Brás: O meu bailarino, irmãos! Quereis acompanhar-nos? Então vinde daí. Vamos fazer um sucesso por esse mundo fora. E quando passarmos por casa dos nossos pais, já lhes poderemos levar uma bonita prenda. (De novo bate um ritmo no tambor e começa a caminhar pelo jardim fora. Olaf vai atrás dele, dançando. Em fila seguem: Paulino, Ernestino, Júlia e Roberto, todos batendo palmas ao ritmo do tambor. Só Lu fica sozinha. Durante uns momentos, segue aquele cortejo com os olhos. Depois, toda raivosa, agita os braços no ar, bate o pé no chão e grita):

Lu: Hei-de fazer queixa ao papá! Uiiiiiii! Hei-de fazer queixa ao papá!

(No fundo do jardim ouvem-se as gargalhadas das pessoas e do urso, que se vão afastando).

**D** todos aqueles que gostariam de saber o que aconteceu aos três alfaiates e ao urso Olaf, podemos fornecer algumas informações: seguiram a caminho do Norte. Por toda a parte por onde passaram entusiasmaram as populações, pois Brás aperfeiçoou-se cada vez mais nos ritmos do tambor e Olaf foi-se tornando um bailarino de categoria universal. Ernesto e Paulino eram ajudantes simpáticos e úteis, tratavam das refeições, das roupas e escovavam diariamente o pêlo de Olaf. Além disso, cobravam o dinheiro depois dos espectáculos. Como Brás tinha planeado, passaram pela casa paterna do mestre Abílio. Houve abraços e lágrimas e também um grande almoço. A mãe recebeu um ferro eléctrico para se cansar menos com os fatos da freguesia, e o pai teve um candeeiro com três lâmpadas de 60 watts para não estragar a vista ao enfiar a agulha e ao ler o jornal. Além disso, Brás deixou-lhe ficar a parte do seu diário já concluída, pois uma vez que o pai gostava de ler aventuras e histórias de viagens, não podia estar mais bem servido do que com os feitos e as façanhas descritos pelo filho Brás, cujo juízo era tão fino que passava pelo buraco de uma agulha. Consta, mas disso não há a certeza, que os três irmãos trabalham numa alfaiataria perto da floresta onde Olaf se instalou e que aos Domingos se juntam para ouvir o Brás contar uma história. Consta também que o mestre Abílio e a mãe Miquelina não quiseram abalar para o Norte, como era desejo dos filhos, mas que ficaram muito contentes com uma encomenda enorme que receberam: três lombos fumados, os livros de Marco Polo, Robinson Crusoe e Dom Quixote. E ainda um cadeirão de couro.



# ÍNDICE

Quadro I  
Na Alfaataria  
9

Quadro II  
Na estrada, a caminho da Cidade-das-Sete-Torres-Douradas  
21

Quadro III  
Em casa de Lu Petrolina  
29

Quadro IV  
No curro do urso Olaf  
45

Epilogo  
65

